

Coim
Cat. XXV
Ca. B
N.º

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO I



COIMBRA / 1940

A inscrição tumular do bispo Nausto de Coimbra (867-912)

Numa comunicação apresentada ao II Congresso do Mundo Português, que se celebrou em Julho último nesta Universidade, tive ensejo de chamar a atenção para o epitáfio do bispo Nausto de Coimbra, notável, sobretudo, pela circunstância de referir não só a data da morte do prelado, mas tambem o número de anos do seu pontificado, que o faz bispo conimbrigense desde 867.

Ora, sendo Nausto o prelado da diocese restaurada por D. Afonso ui de Leão a que se refere a *Crónica Albeldense* (4), é evidente que a sua nomeação só teria sido feita depois da reconquista da cidade, o que nos permite fixar êste acontecimento entre 866, em que começou o reinado do filho de Ordonho i(1 2), e 867, em que começou o seu episcopado.

Por outro lado, sendo Coimbra-Emínio a sede do bispado desde o tempo dos visigodos, é evidente que é com a conquista desta cidade, e não com a da antiga sede episcopal (*Conimbriga*), que se relaciona a sagração de Nausto. E, assim, a epígrafe tumular do bispo conimbrigense contribui, pelo menos, para a interpretação da passagem da *Crónica de Albelda* que refere que D. Afonso 111 «Conimbriam ab inimicis possessam eremauit, et gallecis postea populauit» (3).

Realmente, sendo esta conquista a primeira que o rei faz no ocidente — o que se coaduna perfeitamente com o *terminus ad quem* fixado pela inscrição — deve ser à cidade episcopal, isto é, a Coimbra-Emínio, que o cronista se refere. E certo que a alusão, logo em seguida, ao seu repovoamento parece estar em discordância com o facto, revelado pelo *Laurbanense*, da restauração de Coimbra só se ter realizado em 878 (4). Mas não nos pode

(1) «Naustique tenens Conimbriae sedem» (Gómez-Moreno: *Las primeras crónicas de la Reconquista*, pág. 48).

(2) Vede Barrau-Dihigo: *Recherches sur VHistoire du Royaume Asturien*, pág. 276-7.

(3) Gómez-Moreno: *op. cit.*, pág. 47.

(4) «Era DGGGG.XVI* prendita est Gonimbria ad Ermegildo comité» (P. M. H., *Scriptores*, pág. 20).

passar despercebida a circunstância de a *Crónica de Albelda* se referir primeiro ao ermamento da cidade, o que implica a existência de duas acções entre as quais podia ter mediado um lapso de tempo mais ou menos longo (5). E assim se explica que Nausto, tendo sido prelado de Coimbra antes da sua restauração, durante onze anos, residisse na diocese de Iria onde, certamente, lhe foi concedido um benefício para a sua sustentação, e onde, finalmente, veio a morrer (6).

Temos, assim, que a primeira reconquista e conseqüente despovoamento de Coimbra precede de perto a presúria de Portucale por Yímara Peres, o que, conjugado com a circunstância de só mais tarde Braga ter sido restaurada, nos leva a crer que foi com elementos populacionais do território conimbrigense que se efectuou essa acção e, portanto, se formou o núcleo portugalense, germe da nacionalidade portuguesa (7).

Daí a excepcional importância deste documento epigráfico, de que, por isso, necessário se tornava conhecer uma reprodução absolutamente fiel.

E certo que já Florez, na sua *España Sagrada*, deu à estampa uma cópia do monumento que procura reproduzir todas as suas características epigráficas (8), e que, mais tarde, López Ferreiro,

(5) O próprio advérbio *postea* parece significar que o repovoamento da cidade se realizou depois, e não logo em seguida. É certo que, quando, mais adiante, o cronista se refere às cidades restauradas, menciona Emínio (*urbs Emitiensis*), mas trata-se, evidentemente, duma duplicação, pois, como já observámos, a primeira referência não pode deixar de dizer respeito a Coimbra-Emínio.

(6) A ausência de Nausto, mesmo depois da restauração de Coimbra, esclarece o facto de aparecerem, durante o seu pontificado, outros bispos conimbrigenses, como Froarengo e Gomado, certamente seus dependentes e auxiliares, que estariam mais habitualmente na diocese, como supõe, com boas razões, o P.* Luiz Gonzaga de Azevedo (*Idade Média—Notas de história e de crítica, III— O Bispo Nausto de Coimbra; Brotéria*, série de vulgarização, vol. xxii (1924), págs. 5 a 7).

(7) Esta tese, já esboçada numa pequena nota a propósito do trabalho do Prof. Damião Peres *Como nasceu Portugal*, publicada na revista *Ocidente* (vol. i, pág. 456 e 459), foi mais largamente desenvolvida e documentada na comunicação sobre *O repovoamento do norte de Portugal no séc. IX*, que apresentei ao II Congresso do Mundo Português, e que, segundo creio, será publicada brevemente.

(8) Tomo xiv, pág. 85. A cópia da inscrição, obteve-a Florez, segundo

o benemérito autor da *Historia de Ja Iglesia de Santiago*, transcreveu também a inscrição, certamente depois de a ter cuidadosamente examinado (9); mas, a circunstância de divergirem, embora ligeiramente, as duas versões (10), e ainda a necessidade de sujeitar o monumento a um rigoroso exame de crítica epigráfica, levaram-nos à igreja paroquial de Santo André de Trobe, junto ao rio Ulha, a cerca de três léguas ao sul de Santiago de Compostela, onde, segundo informavam os dois historiadores, estava a lápide, e onde, realmente, a fui encontrar incorporada à parede do lado da Epístola, com a face voltada para o interior da igreja.

Trata-se da tampa, em granito, dum sarcófago cuja forma trapezoidal ainda se pode reconhecer, a-pesar-de as extremidades estarem até certo ponto cobertas pelo reboco de cal que reveste as paredes do templo.

A simples vista da lápide nos faz chegar à conclusão de que foi deslocada da sua posição primitiva, sendo muito anterior à construção da igreja que parece datar do século xvii ou xviii. Mas tratar-se-ia, realmente, duma inscrição do princípio do século x?

O exame atento da forma das letras, dos nexos e das abreviaturas da epígrafe leva-nos, sem hesitações, a responder afirmativamente.

De facto, como se pode verificar na reprodução fotográfica da epígrafe que a seguir se publica acompanhada da sua transcrição literal, a irregularidade de certas letras, como o ^4, o C, o 7?, o M, denunciando a degeneração da escrita capital romana —

êle mesmo informa, por intermédio do pároco da referida igreja, José Benito Novio. (Esta cópia foi reproduzida na *História de Portugal* sob a direcção do Prof. Damião Peres, vol. i, pág. 442).

(9) Tomo ii, pág. 179. Embora não o diga explicitamente, é certo que Ferreiro examinou directamente o monumento com a atenção que as correcções feitas à cópia estampada na *Espana Sagrada* demonstram.

(10) Realmente, ao passo que na primeira cópia se lê *Naustia Epi (Episcopi)*, na segunda está *Nausti Aepiscopi*; e, a-pesar-de, na versão de Novio, o dia da inumação de Nausto ser *X Chlds Decbrs* — leitura que, no entanto, Florez põe em dúvida, dizendo que «el dia puede leer-se XI porque no consta si las lineas superior e inferior concurren à formar C de la I» — segundo Ferreiro, o que na inscrição de lê é *XI Kalendas*. Duas outras pequenas divergências proveem de ser diferente o criterio adoptado na segunda transcrição (XXXXV em vez de XLV) e até, certamente, duma gralha tipográfica (*cunctorum* em vez de *cunctorun*).

† HIC QUIE
 TVS RECV
 BAT FELCS
 SORTE NA
 VSTI AEPI
 SACERDOS
 QVE- LETVS
 CELIS MEN
 TE INTVLIT
 ALMA FI
 DES ♡ DE*
 GENS CVL
 MINE PON
 TIFICALI
 CONIM
 BRIENSE
 SEDIS PER
 ANNIS
 XLV e
 QUIES
 CENS IN
 HOC TV
 MVLO DIE
 XI KLDS
 DCBRS
 ERA DCCCC
 L

SIT VSA CUNCTORV PRO ILLO ORATIO PIA SI VOBIS
 DET DNS SINE FINE PREMIA DIGNA



degeneração tão característica da chamada maiúscula visigótica; a forma do G, do L e do E (em *XLV6*), revelando a influência da escrita uncial e semi-uncial; alguns nexos como TV (em *QVIETVS* e em *INTVLIT*), MV (em *TVMVLO*) e *XL{tm XLV}*; certas abreviaturas como *KLDS* (*Kalendas*) e *DCBRS* (*Decembris*) tão características da escrita visigótica; provam que a inscrição foi gravada num dos primeiros séculos da Reconquista, devendo, assim, ser considerada um documento autêntico.

TORQUATO DE SOUZA SOARES

'3

A propósito do «Chronicon Alcobacense»

É geralmente sabida a história do pequeno «Chronicon Complutense ou Alcobacense». Publicou-o pela primeira vez Florez na *Espanha Sagrada* (4), extraído de um códice dos fins do séc. xm, então existente em Alcalá (e do nome latino desta cidade, *Complutensis urbs*, derivou a designação dada ao texto), mas que, mais tarde, Fr. Fortunato de S. Boaventura, na *Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaca* (1 1 2), mostrou ter originariamente pertencido à livreria do mosteiro alcobacense.

Quási ao mesmo tempo que fazia a aludida verificação, Fr. Fortunato de S. Boaventura descobria num homiliário do séc. xii, pertencente à livreria do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, uma outra cópia do mesmo cronicão, que se apressou a publicar nos seus *Commentariorum de Alcobacensi MSSStorum bibliotheca libri tres* (3).

(1) Vol. iv, pág. 419.

(2) Pág. 7.

(3) Pág. 582 (Coimbra, 1827).